



SEÇÃO: VARIA

LETRAMENTO CRÍTICO E ÉTICA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE CONCEITOS TEÓRICOS EM MIKHAIL BAKHTIN E EMMANUEL LEVINAS

Critical Literacy and Ethics: possible dialogues between theoretical concepts in Mikhail Bakhtin and Emmanuel Levinas

Ana Carla Barros

Sobreira¹

orcid.org/0000-0002-4047-3641

carlasobreira@bol.com.br

Recebido em: 30/8/2019

Aprovado em: 8/8/2020

Publicado em: 19/2/2021

Resumo: Este artigo busca evidenciar relações de sentido entre os conceitos teóricos da ética em Mikhail Bakhtin e Emmanuel Levinas buscando tecer contribuições para os estudos do Letramento Crítico e tem, como objeto de análise, o papel do pesquisador em Linguística Aplicada.

Palavras-chave: Ética. Letramento Crítico. Linguística Aplicada.

Abstract: This article seeks to show the relations of meaning between the theoretical concepts of ethics in Mikhail Bakhtin and Emmanuel Levinas seeking to make contributions to the studies of Critical Literacy and has, as object of analysis, the role of the researcher in Applied Linguistics.

Keywords: Ethics. Critical Literacy. Applied Linguistics.

Introdução

Os estudos de letramento em sua essência, se caracterizam pelo uso da linguagem como prática social e não apenas como práticas de leitura e escrita em sala de aula. Essas "práticas sociais são atravessadas por relações de poder e por ideologias" (STREET, 1984), portanto, é necessário que as análises fundamentadas em uma perspectiva teórica dos estudos de letramento crítico, levem em consideração a classe, o gênero social e a etnia do sujeito (ANDRADE, 2013) e colabore para sua formação crítica.

A dimensão ética abordada pelos estudos do letramento crítico evidencia uma nova visão dentro dos estudos de letramento que busca lidar com as diferenças, relativizar, dialogar com diferentes olhares, pois, sendo a linguagem de caráter complexo, não pode ser reduzida a uma única dimensão.

Vale salientar que a estrutura social se antecipa ao sujeito. Ela já estava formada antes mesmo da formação da sociedade em que está inserida e, portanto, "[...] as transformações das práticas sociais e dos diversos discursos que permeiam as relações sociais são tangenciados pela crítica à sociedade que estamos imersos e pelas críticas aos letramentos que são exigidos para a construção do saber" (ANDRADE, 2013, p. 50).



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil

Acredito assim que, as práticas e eventos de letramento que se apresentam nas diversas esferas da sociedade, revelam modelos tanto culturais como ideológicos de nossa relação como sujeitos que somos e estamos no mundo. Desenvolver a criticidade é importante pois, pode desvelar discursos que naturalizam práticas hegemônicas de dominação inseridas nas relações sociais.

Nesse sentido, ao falarmos da pesquisa em Linguística Aplicada, não podemos esquecer que ela só se valida eticamente se ao ser realizada, se respeitar e proteger os participantes da pesquisa, se for justa para eles e moralmente aceitável nas comunidades em que for realizada (CIOMS, 2004, p.37).

Kleiman (2015) afirma que as pesquisas em Linguística Aplicada devem representar impactos no mundo social, devem ser relevantes socialmente com um compromisso ético e político, ou seja, a pesquisa em Linguística Aplicada deve guiar-se por uma "[...] agenda política permanente, buscando contribuir com reflexões críticas oriundas da pesquisa aplicada e fornecer subsídios para o curso de formação de professores que resultem numa perspectiva legitimadora do trabalho docente" (KLEIMAN, 2017, p.19).

A meu ver, a pesquisa em Linguística Aplicada deve, sem dúvida, descortinar as vozes escondidas que muitas vezes são caladas ou mal interpretadas por serem menos poderosas. Não basta reconhecer a existência do outro, do menos favorecido, é necessário ser cuidadoso para não contribuir ainda mais para a desvalorização dos grupos menos favorecidos e nas palavras de Tagata "[...] chegar à constatação da necessidade de uma atitude mais ética perante o estrangeiro, sem reduzi-lo a uma única representação possível, de acordo com nossos esquemas conceituais" (TAGATA, 2017, p. 397).

Nesse sentido, é propósito desse artigo, desenvolver reflexões sobre questões da ética na visão bakhtiniana de responsabilidade e nos pressupostos da visão da alteridade em Levinas, e, apontar esses conceitos como pertinentes aos

estudos do Letramento Crítico e suas aplicações na pesquisa em Linguística Aplicada.

Sabe-se, segundo diversas fontes, (PONZIO, 2008,2010; SAMPAIO, 2009,2011; ZAVALA, 2009; AMORIM,2009; SOBRAL,2005; CLARCK e HOLQUIST,1993) que Bakhtin leu e foi influenciado por muitos filósofos. Bakhtin foi influenciado entre outros por Edmundo Husserl sobre a consciência do Ser, por Kant, quanto a sua ética formal e por Heidegger em sua ontologia. Levinas, mesmo não sendo referido explicitamente pelos estudiosos e tradutores de Bakhtin, se aproxima das ideias bakhtinianas quanto as questões da ética, da responsabilidade/alteridade.

Para Bakhtin, Volochinóv e Medviédev, "[...] o cotidiano é uma esfera de atividade constante, a fonte de toda mudança social e criatividade individual" (MORSON, G.S.; EMERSON, C.,2008, p.41) e é nesse cotidiano que as verdadeiras decisões éticas acontecem, nos momentos diários. É durante a prática social diária que a criticidade do sujeito aflora levando-o a questionar sua ética.

Bakhtin relaciona a ética a cada momento da vida. Para ele a ética é uma questão de sabedoria e responsabilidade. O "eu" integral é construído durante toda a vida e mesmo assim sempre será um ser incompleto, porém, mesmo nessa incompletude, deve-se criar, segundo Bakhtin, uma integridade para assumir nossa responsabilidade ética. Levinas propõe a ética como "filosofia primeira" e retoma o conceito do Ser na dimensão da alteridade. Levinas se dedica incansavelmente a entender a relação intersubjetiva de um (eu mesmo) para-o-outro(nós) que instaura o "sujeito ético e o acontecimento ético" (LEVINAS, 2009).

Meu leitor pode estar indagando agora o porquê de convocar dois autores para tecer interlocuções acerca da ética, e embora muitos autores já tenham evidenciado diálogos entre Bakhtin e Levinas,² retomo a relevância de articular conceitos sobre a ética e a alteridade que estejam direcionados aos estudos do Letramento Crítico e a pesquisa em Linguística Aplicada.

Destaco ainda que, essa tentativa de apro-

² Autores como NEALON (1997); ESKIN (2000); ERDINAST-VULCAN (2008); SAMPAIO (2012); BOE *et al* (2013) são autores que buscaram aproximar as teorias de Bakhtin e Levinas.

ximação não é arbitrária, pois, ambos autores demonstram, em suas obras, preocupações expressivamente éticas: Bakhtin que, vinculado a crítica literária dá ao ato criativo uma consciência que é constituída pela voz do Outro e Levinas que discute a alteridade vinculada a filosofia, criticando a totalidade do ser e mostrando uma busca incessante pela reconstrução da externalidade do Outro, que transcende a textura ontológica do Eu.

A dimensão ética em ambos os autores, segundo Sampaio (2012), sugere um novo paradigma tanto de pensamento como de ação, evidenciando um novo olhar acerca da alteridade e suas formas de expressão, além de oferecer grandes contribuições para se pensar no papel do sujeito como ser humano, suas subjetividades, as relações entre humanos e as relações sociais.

1 Breve perfil histórico de Bakhtin e Levinas

Bakhtin nasceu em 1895 na cidade de Orel que fica próxima a Moscou.³ Ele era onze anos mais velho que Levinas, que era de descendência judaica e nasceu em 1906 em Kaunas, na Lituânia (Rússia). Bakhtin iniciou sua formação em 1914 onde fez seus estudos clássicos na Universidade de São Petersburgo e participou ativamente do chamado Primeiro Circulo⁴ junto com intelectuais como Volochinov.

Nesse período estava se instalando o comunismo na Rússia. Entre os anos de 1924 e 1929, já morando em Leningrado, escreveu quatro de suas mais importantes obras: O Freudismo (1927), que foi assinado por Medvedev, Marxismo e Filosofia da Linguagem (1929), esse assinado por Volochinov, e Problemas da Obra de Dostoievski (1929) assinada por ele mesmo (BRAIT; CAMPOS, 2009).

Ainda em sua infância, Bakhtin, aos nove anos,

foi morar em Vilno, na Lituânia, país onde onze anos mais tarde nasceria Levinas. Nessa época a Lituânia era uma colônia russa, falava-se russo e a religião oficial era a ortodoxia russa. A maior parte da população, porém, era católica e avessa aos russos ortodoxos. Porém, na cidade de Vilno, uma grande parte da população era judia e usava o iídiche⁵ como língua na comunidade.

É interessante observar que Vilno era um "[...] centro intelectual do judaísmo europeu e era conhecida como a Jerusalém do Norte" (CLARCK; HOLQUIST, 2008, p. 49). "O movimento sionista dispunha em Vilno de um forte contingente de adeptos e o trabalho efetuado nas escolas hebraicas locais contribuiu para o posterior renascimento da língua bíblica de Israel. Vilno também era famosa por seus exegetas do Talmud".⁶ (CLARCK; HOLQUIST, 2008, p. 49)

Esse era o contexto social onde Bakhtin viveu sua juventude. Ele estava exposto a heteroglossia: o conjunto de diferentes culturas, línguas e classes que foi para Bakhtin a condição ideal para fixar a pedra angular de sua teoria. Mesmo fazendo parte da elite de Vilno e estudando em escolas russas, Bakhtin vivenciava a mistura étnica e linguística da cidade, em uma mescla de diferentes grupos religiosos e étnicos.

Aos quinze anos Bakhtin se muda para Odessa, na Ucrânia, com seus pais. Como Vilno, Odessa apresentava uma nitida marca judaica, porém se diferenciava por ser o principal elo entre a Rússia Czarista e a Europa Meridional. Em Odessa se podiam encontrar famosos intelectuais judeus vivendo livremente sob o regime dos Czares.⁷ "Abri-gava tavernas de marinheiros e covis de ladrões, mas também uma rica vida cultural" (CLARCK; HOLQUIST, 2008, p. 53), o cenário apropriado para

³ Para as referências biográficas a respeito da vida e obra de Bakhtin consultei autores como: CLARCK e HOLQUIST (2008); BRAIT e CAMPOS (2009).

⁴ Nesse período, Bakhtin era professor de História e residia e trabalhava na cidade de Nevel. Esse Primeiro Circulo também é conhecido como o Seminário Kantiano de Nevel onde Bakhtin participa ativamente com vários outros intelectuais.

⁵ Iídiche ou idiche é uma língua de origem indo-europeia, pertencente ao subgrupo dos idiomas germânicos, falada predominantemente pelos judeus da Europa Central e Europa Oriental. É falado atualmente em comunidades judaicas da Alemanha, Estados Unidos, Argentina, Bélgica, França, Lituânia, Brasil, Ucrânia, Rússia e Canadá. Fonte: <https://www.significados.com.br/iidiche/>.

⁶ O Talmud consiste em sessenta e três tratados de assuntos legais, éticos e históricos, escritos pelos antigos rabinos. Foi publicado no ano de 499 D.C., nas academias religiosas da Babilônia, onde vivia a maior parte dos judeus daquela época. É uma compilação de leis e de erudição, e durante séculos foi o mais importante compêndio das escolas judias. O Judaísmo Ortodoxo baseia suas leis geralmente nas decisões encontradas no Talmud. Fonte: <http://tryte.com.br/colecaojudaismo/livro1/l1cap24.php>.

⁷ Czar (tsar em russo) significa "imperador". Era o título utilizado pelos soberanos russos, no período de duração do Império, entre 1547 e 1917. Fonte: <https://www.significados.com.br/czar/>.

o filósofo da heteroglossia e do carnaval.

Levinas, por outro lado, começou seus estudos na França, na cidade de Estrasburgo, em 1923.⁸ Discípulo de Edmundo Husserl, recebeu influência de sua obra "Investigações Lógicas" (1900-1901), e mais tarde se tornou seguidor de Heidegger.

A partir dos anos 50 começou a formular suas próprias questões filosóficas acerca da relação ética com o Outro. Levinas viveu um momento marcado pelo Holocausto e mesmo tendo sido preso entre os anos de 1940 e 1945 em Rennes, durante a ocupação nazista na França, continuou com seus estudos na tentativa de entender o conflito da Segunda Guerra Mundial.

Durante o cativeiro na Alemanha, leu as obras de Hegel, Proust, Rousseau e Diderot. Teve a maior parte de sua família assassinada pelos nazistas, só escapando sua esposa e filha, que se mantiveram escondidas em casa de amigos. Em um raro escrito seu, Levinas declara que sua vida nunca deixou de ser dominada pelo horror nazista, e usando suas palavras,

Os mortos que ficaram sem sepultura nas guerras, e os campos de extermínio afiançaram a ideia de uma morte sem amanhã e tornam tragicômica a preocupação para consigo mesmo e ilusórias tanto a pretensão do animal racional a um lugar privilegiado no cosmos, como a capacidade de dominar e de integrar a totalidade do ser numa consciência de si (LEVINAS, 1993, p. 71).

Levinas inicialmente estudou em Kaunas, na Lituânia. Nessa cidade estudou hebraico e os costumes judaicos. É nesse período que ele se dedica a leitura de autores russos como Dostoiévski e Tolstói e que junto com os ensinamentos do judaísmo, desperta no jovem Levinas o interesse pela filosofia.

A filosofia de Levinas se centra na responsabilidade incondicional e irrecusável não só com o Outro, mas com todos os Outros, e desde seus primeiros escritos, Levinas buscou entender o conceito de alteridade. Sua filosofia se preocupa com a relação ética, pois segundo o autor, deve-se ao olhar outra pessoa manter certa distância, não uma distância de temor, frieza ou medo, mas uma distância respeitosa pelo que a outra pessoa

é e o que ela representa (LEVINAS, 2009).

No período entre 1964 e 1995, Levinas escreve *Autrement Qu'être ou Au-delà de L'essence*, que foi publicado em 1974 e onde sustenta o "desinteressamento do Ser ao nível da linguagem" (RIBEIRO, 2015, p. 21).

A partir da linguagem ética, Levinas retoma e leva ao extremo a constituição da subjetividade como sensibilidade. Afetada pela proximidade do outro, a subjetividade será percebida como vulnerabilidade e passividade. Exposta ao rosto/corpo do outro e destituída de poder do ser, a subjetividade será a "ética do amor" sem eros [...]. Trata-se, portanto, de conferir à subjetividade do sujeito o estatuto da sensibilidade ética que se mostrará como o ponto fulcral na *substituição* por outrem, ou como um-para-o-outro (RIBEIRO, 2015, p.21).

A filosofia levinasiana está vinculada a dimensão da alteridade onde, calcada no respeito pelo rosto do Outro e em sua subjetividade acolhedora, não se limita a um racionalismo procedimental, mas promove a paz e o bem-estar de todos os seres (LEVINAS, 2009, p.294).

2 O dialogismo no pensamento ético de Bakhtin e Levinas

Nesse artigo busco evidenciar as relações de sentido entre o pensamento ético de Bakhtin e Levinas e levantar algumas questões à luz dos estudos do Letramento Crítico que contribuam para as pesquisas em Linguística Aplicada.

Desse modo, sabe-se que o dialogismo, enquanto pressuposto conceitual e analítico se realiza na linguagem. Tudo começa pela palavra "fenômeno ideológico por excelência" (SILVESTRE; FIGUEIREDO; PESSOA, 2015, p.116) e o dialogismo se constitui pelo entrecruzar de vozes que estão explícitas ou não.

Segundo Silva (2013) Bakhtin pensa a linguagem como um lugar onde as diferenças convergem, onde a identidade é construída pela convivência com a diversidade, a diferença e o outro. A arquitetura bakhtiniana se concentra na responsabilidade que temos por nosso lugar como único na existência e "[...] dos meios pelos

⁸ Para os dados biográficos de Levinas consultei autores como RIBEIRO (2015) que, por exemplo, publicou o livro *A Subjetividade e o Outro: ética da responsabilidade em Emmanuel Levinas*, fruto de sua dissertação de mestrado pela FAJE.

quais relacionamos essa singularidade com o resto do mundo" (CLARCK; HOLQUIST, 2008, p. 90),

Nós próprios precisamos ser responsáveis, ou respondíveis, por nós mesmos. Cada um de nós ocupa um lugar e um tempo únicos na vida, uma existência que é concebida não como um estado passivo, mas ativamente, como um acontecimento. [...] A ética não se constitui de princípios abstratos, mas é o padrão dos atos reais que executo no acontecimento que é minha vida (CLARCK; HOLQUIST, 2008, p. 90).

O dialogismo para Bakhtin vem celebrar a existência da alteridade. "Assim como o mundo necessita de minha alteridade para lhe dar significado, eu necessito da autoridade dos outros a fim de definir meu *self* ou ser o seu autor" (-CLARCK; HOLQUIST, 2008, p. 91, grifo no original). O pensamento ético, para Bakhtin, só pode ser entendido através de um ato único e individual do pensamento do sujeito, desenvolvido em uma relação de alteridade com outros pensamentos e com outros contextos. Isso porque, segundo o autor, uma dimensão ética e plena só pode ser alcançada se o sujeito puder assumir a responsabilidade de pensar, valorizar, assinar e reconhecer o pensamento como seu e responder por ele. O pensamento assim poderia ser o ato responsável e esse ato pressupõe o "dever".

Levinas não busca entender a alteridade ou buscar um fundamento para ela. A preocupação da leitura levinasiana diz respeito à relação existente entre o eu e o outro. Consiste em uma relação social que se situa e se consome na relação face a face, e é através do rosto do outro que se articula a resignificação do sentido de transcendência e que explode na estrutura lógica do pensamento. Assim é que,

[...] a dimensão do divino abre-se a partir do rosto humano. Uma relação com o transcendente-livre, no entanto, de toda dominação do Transcendente-é uma relação social. É aí que o Transcendente, infinitamente outro, nos solicita e apela para nós. A proximidade de outrem, a proximidade do próximo, é não ser um momento inelutável da revelação, de uma presença absoluta (isto é, liberta de toda a relação) que se exprime. A sua própria epifania consiste em solicitar-nos pela sua miséria no rosto do Estrangeiro, da viúva e do órfão (LEVINAS, 2000, p. 64).

A filosofia de Levinas evidencia que o sentido deve necessariamente nascer da responsabilidade do eu pelo outro, na sociabilidade, como alguém que mesmo sendo único não pode ser retirado de um conjunto social e que revela sua singularidade no rosto (LEVINAS, 2009, 2010).

A meu ver, tanto a filosofia de Levinas como a filosofia de Bakhtin, atribuem uma grande importância a linguagem como pensamento participativo, mas também abstrato onde se instaura a historicidade e a responsabilidade de "responder por", "dizer", "assumir a autoria do ato", "de imprimir ao ato de nosso pensamento uma entonação valorativa" (SAMPAIO, 2011, p. 197). A palavra para Bakhtin é viva, isto é, "[...] pelo simples fato de ser pronunciada ela recebe uma entonação que expressa nossa atitude valorativa em relação ao objeto, daquilo que ainda está por ser determinado nele, fazendo dele[...] um momento constituinte do evento vivo em processo" (BAKHTIN, 1997, p. 40-41).

Outros conceitos importantes do pensamento de Bakhtin e Levinas, quando se refere a linguagem como forma de expressão, é, por exemplo, a linguagem como um acontecimento que está em processo de vir-a-ser (BAKHTIN, 1997) e do Ser como "homem inteiro", e, em Levinas como pensamento participativo, o ato ético e a unicidade e a singularidade do Ser.

Bakhtin propõe em sua filosofia um "ato ético responsável" e que se fundamenta na seguinte pergunta: "Como posso, enquanto ser pensante e responsável pelo ato de meu raciocínio, encontrar a mim mesmo num juízo de validade universal?" Assim é que um ato ético responsável só pode resultar em um pensamento que seja participativo, isto é, "engajado, comprometido, interessado: um pensamento não indiferente" (BAKHTIN, 1997). E é Levinas, a meu ver, que responde à pergunta de Bakhtin ao afirmar que "[...] pensar não é mais contemplar, mas engajar-se, estar englobado no que se pensa, estar embarcado-acontecimento dramático do Ser-no-mundo" (LEVINAS, 2009, p. 23).

Tanto Bakhtin como Levinas nos convoca para assumirmos nossa posição na existência *sem álibi* como diria o primeiro e *sem esquivança* como diria

o outro. Trata-se da constituição do ser humano, uma constituição responsável como relação a todo e qualquer pensamento que se expressa na linguagem e essa linguagem é socialmente valorada, impregnada de ideologia, que revela quem somos e que traz em si a marca de uma assinatura.

Assim é que, ao pensarmos em uma pesquisa em Linguística Aplicada e que se apoia nos estudos de Letramento Crítico, não podemos esquecer que tanto nossas palavras como as palavras dos participantes da pesquisa estão impregnadas de juízo de valor. Aqui é onde deve-se destacar o reconhecimento e o respeito pela autonomia do Outro (do pesquisado, sua cultura, sua voz) por parte do pesquisador. Reconhecer a autonomia do Outro significa tratar os participantes da pesquisa não como meros meios para coleta de dados, mas reconhecer a relação de sentido existentes com os momentos axiológicos do Ser, pois da mesma forma que eu existo o Outro existe também.

3 Os estudos de Letramento Crítico e a questão da ética: pelos caminhos da pesquisa em Linguística Aplicada

Os estudos de Letramento Crítico têm sua origem nas ideias de Paulo Freire e "[...] está fundamentado na Teoria da Crítica Social". Segundo Cervetti, Pardales e Damico (2001),

Grande parte da teoria crítica do letramento foi derivada, em parte a teoria da crítica social, particularmente o que diz respeito ao alívio do sofrimento humano e a necessidade de formação de um mundo mais justo através da crítica da existência de problemas político-sociais e desenvolvimento de alternativas para esses problemas (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001, p. 7).

Dessa forma, as teorias do Letramento Crítico, evidenciam que, por exemplo, ao analisar um texto, pode-se observar as forças ideológicas e sociopolíticas que o compõe, como também, esse mesmo texto pode ser um local de lutas de negociação e de mudanças.

Os estudos do Letramento Crítico vêm, segundo Menezes de Souza (2011), destacar o "papel político e ético na educação" (MENEZES DE SOU-

ZA, 2011, p.1). O autor evidencia que existe uma nova visão dentro desse tema, e ela se refere às teorias do Letramento Crítico, em que, em sua essência, buscam lidar com as diferenças, relativizar, observando a multiplicidade de leituras possíveis disponibilizadas em um único texto, por exemplo. Para o autor, tanto a leitura que se faz de um texto, ou seja, o processo de construção de semioses, como sua autoria, está inserido na história das comunidades e isso,

[...] implica também em perceber que apesar da autoria e a leitura parecerem atos individuais e/ou voluntários, são socio-historicamente construídos pelas comunidades as quais se pertencem e pelas suas histórias anteriores da produção de significação (MENEZES DE SOUZA, 2011, p. 4).

Assim, a meu ver, o Letramento Crítico desperta os estudos de como trabalhar o potencial do aprendiz para pensar e atuar de forma crítica tanto localmente, ou seja, de forma autônoma, como em um contexto globalizado e se diferenciar da leitura crítica como aponta Menezes de Souza (2011). Cervetti, Pardales e Damico (2001) acrescentam que,

O letramento crítico envolve uma diferença fundamental com relação à leitura crítica. Em essência, os alunos que aprendem dentro de uma perspectiva crítica, abordam a construção de sentidos como um processo em construção [...] ao invés de apenas extrair os significados do texto. Mais importante é que a significação textual seja entendida no contexto social, histórico e nas relações, é um ato de conhecer o mundo (como também a palavra) e funciona como meio de comunicação (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001, p. 7).

Dessa forma, quando pensamos em ética à luz dos estudos do Letramento Crítico, pode-se evidenciar um processo de dialogicidade, já proposto por Bakhtin e Levinas. Nesse processo, a formação do sujeito crítico se constitui, não somente pelo ato de escutar o outro, mas, como destaca Menezes de Souza (2011), se ouvir escutando o outro.

Menezes de Souza (2011) diferencia a pedagogia crítica de Freire e os estudos do Letramento Crítico, e destaca que na pedagogia crítica, ainda se pode encontrar o dualismo positivista do certo e do errado, porém, o letramento crítico busca

redefinir o processo de conscientização crítica, ou seja, "[...] levar o aprendiz a perceber que os saberes do eu, que o meu saber ingênuo, se origina não de mim, mas da coletividade" (MENEZES DE SOUZA, 2011, p. 293).

Assim, vendo a língua numa visão bakhtiniana de interação, e a linguagem como prática social, pode-se dizer que os estudos de letramento crítico é uma ferramenta importante a ser utilizada para o desenvolvimento de "[...] relações sociais mais justas, atitudes mais éticas em relação a diferentes saberes e conhecimentos, e pelo respeito ao meio ambiente" (TAGATA, 2017, p. 401).

Bakhtin e Levinas sugerem um novo paradigma de pensamento e de ação que oportunizem um novo olhar acerca da alteridade humana e de suas formas de expressão, e é assim que, a pesquisa em Linguística Aplicada à luz dos estudos de Letramento Crítico, devem apresentar um compromisso ético e político e ser relevante no mundo social. Não basta reconhecer a existência do outro, do menos favorecido "do órfão, da viúva do estrangeiro" nas palavras de Levinas, é necessário ser cuidadoso para não contribuir ainda mais para a desvalorização dos grupos menos favorecidos.

Para Andreotti (2014 *apud* TAGATA, 2017) a única forma de construirmos uma educação pautada nas relações entre "linguagem, conhecimento, poder e subjetividade" seria através do Letramento Crítico, pois esses estudos promovem a "[...] problematização de grandes narrativas como o desenvolvimento, a identidade o progresso e o conhecimento", como também, "[...] chama atenção para a limitação de nossos conhecimentos e interpretações do mundo-sempre parciais e contingentes - e para a existência de múltiplas perspectivas, assim como identidades e linguagens híbridadas" (TAGATA, 2017, p. 392).

O pesquisador em Linguística Aplicada, ao se deparar com determinada situação no contexto de sua investigação, pode e deve buscar novas fontes e teorias para que possa entender melhor seu objeto de estudo. A transdisciplinaridade nada mais seria do que o diálogo entre saberes, por entre diferentes aportes teóricos, que combinam áreas de conhecimento para favorecer

o melhor entendimento da prática social como acontecimento sócio-histórico e cultural. A "[...] prática social é o objeto de pesquisa dos Estudos de Letramento. Um objeto complexo, que precisa de aportes de diversas ciências para sua compreensão" (KLEIMAN, 2015, p. 14).

A ato responsável proposto pelas teorias de Bakhtin e Levinas reporta-se, a meu ver, para uma relativização dos preconceitos epistemológicos que carregamos tentando fazer emergir um debate inovador, reflexivo, que se distancie dos nossos próprios esquemas comparativos, pois, em nosso encontro com o Outro trazemos conosco esquemas interpretativos que nos constituem". É nessa possibilidade que a formação do sujeito crítico permite ultrapassar o plano do preconceito que coloca nosso sistema como o melhor, o mais adiantado, o mais evoluído.

Tagata (2017) destaca que nos estudos de letramento crítico não há como não dialogar entre conceitos e teorias pois a tradução como,

[...] única ética possível do mundo global contemporâneo [...] ultrapassa o sentido puramente linguístico e implica um esforço recíproco, um processo laborioso em que duas ou mais línguas ou culturas tem de se fazer entender, por meio de um compromisso mútuo de autorreflexão, a partir do qual devem examinar e possivelmente reelaborar seus pressupostos, para assim se fazer inteligíveis (TAGATA, 2017, p. 384).

Boaventura (2008) também vê na tradução entre saberes a possibilidade de estabelecer relações de igualdade entre as diferenças. Para ele se faz necessário encontrar primeiramente zonas de contato que são as zonas de interação entre os conhecimentos e as práticas, e assim, fazer leituras de mundos diferentes e de culturas diferentes, baseadas em convicções políticas e ideológicas diferentes.

Boaventura (2008) defende assim

[...] a necessidade de diálogo permanente entre diferentes formas de estar no mundo, de nele viver e de entendê-lo para que possam ser encontrados e criados mecanismos e modos de interação que permitam, hoje e agora, transformar o que existe e é hegemônico em outras existências mais democráticas e plurais (BOAVENTURA, 2008 *apud* OLIVEIRA, 2008, p.98).

Ao realizar a pesquisa em Linguística Aplicada, a proposta da tradução abre espaço para o respeito à diferença e nas palavras de Levinas, para uma "ética do amor". Para Menezes de Souza (2011) a tradução é uma forma de estabelecer relações equitativas entre as diferenças, sem reduzir nenhuma a categoria de "mono". Para Menezes de Souza (2014, p. 55) uma relação ética consiste em estar consciente da igualdade nas diferenças e entre seu próprio saber e o saber do outro ao mesmo tempo, como também estar consciente que eu não sou o outro e sou, portanto, diferente.

Considerações finais

Tanto em Emmanuel Levinas como em Mikhail Bakhtin a concretização do Ser e da alteridade humana é interpelada pelo dever e pela responsabilidade moral e ética. Em Bakhtin (1997) o ato só acontece no seu confronto com o ato de outros sujeitos e em Levinas o reconhecimento do Outro só é possível através da "[...] sua própria disposição gratuita de se revelar a mim, pois não posso adentrá-lo pelo meu próprio esforço e vontade, já que isso se constituiria como um ato de violência" (RUIZ, 2008)

Assim teríamos não uma revelação espontânea do Outro mas a minha própria interpretação e classificação. Isto é, a alteridade que é uma dimensão do Ser só pode ser concretizada se sua forma de existência se tornar um ato ético (BAKHTIN, 1997). Ao mesmo tempo, quando vivenciamos relações sociais com o Outro que também está disposto a se revelar para nós enquanto Rosto (LEVINAS, 2009). Essa forma de conceber a alteridade como uma responsabilidade que assumo "sem alibi para o existir" e "sem esquiva para com o Outro" constitui a dimensão ética da filosofia de Bakhtin e Levinas.

Os estudos de Letramento Crítico, ao servir de abordagem para as pesquisas em Linguística Aplicada, buscam adotar critérios éticos, como elementos que validem e favoreçam o desenvolvimento da linguagem como prática social. Tanto a escolha do problema da pesquisa como o contexto em que ela será realizada devem estabelecer um diálogo constante entre as culturas,

onde o conceito de Outro esteja aberto para evitar o (pre)conceito de mais ou de menos poderoso.

A teoria da tradução como única ética possível proposta por Tagata (2017) vem, a meu ver, reconhecer as variantes culturais e linguísticas com que o pesquisador em Linguística Aplicada irá se deparar. A contribuição dos estudos de Letramento Crítico para a pesquisa em Linguística Aplicada nos oferece a oportunidade de desconstruir a predominância do conhecimento científico institucionalizado sobre outros eventos e práticas de letramento que estão inseridos fora da esfera escolar.

O pesquisador ético deve saber observar que culturas diferentes têm padrões de avaliação adversos do que seja ético e é a tradução que pode facilitar as leituras que o pesquisador terá que realizar pois "[...] nos oferece a possibilidade de sair de nossa zona de conforto, experimentando outros modos de ser e de pensar para além da vida local, e refletindo criticamente sobre as certezas que apagam quem pensa diferente de nós" (MOITA LOPES, 2008 *apud* TAGATA, 2017, p. 402).

A alteridade se dimensiona amplamente no cotidiano de nossas vidas e o pesquisador, ao observar sua relação de alteridade, pode contribuir para ambientes tranquilos facilitando seu trabalho, promovendo maiores interações para a formação humana e para os valores da vida, saindo do egoísmo, do isolamento e do individualismo para promover uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

Referências

- AMORIM, M. Para uma filosofia do ato: válido e inserido no contexto. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-43.
- ANDRADE, S. B. Discursos e Letramentos na Inclusão de Pessoas com Deficiência Visual no Ensino Público. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- BAKHTIN, M. *Hacia una filosofía del acto ético: De los borradores y otros escritos*. Tradução de Adriana Bubnova. Barcelona: Anthropos: Rubi, 1997.
- BOE, T. D. *et al.* Change is an ongoing ethical event: Levinas, Bakhtin and the dialogical dynamics of becoming. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, New Zealand, AU, v. 34, p. 18-31, 2013. <https://doi.org/10.1002/anzf.1003>

BRAIT, B.; CAMPOS, M.I.B. Da Rússia Czarista à web. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin e o Circulo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.

CERVETTI, N.; PARDALES, P.; DAMICO, G. A tale of differences: comparing the traditions, perspectives, and educational goals of critical reading and critical literacy. *Realind Online*, [s. l.], p. 16-19, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334372467_A_Tale_of_Differences_Comparing_the_Traditions_Perspectives_and_Educational_Goals_of_Critical_Reading_and_Critical_Literacy. Acesso em: 30 ago. 2019.

CIOMS. *Diretrizes Éticas Internacionais para a Pesquisa Biomédica em Seres Humanos*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. Mikhail Bakhtin. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ERDINAST-VULCAN, D. Between the face and the voice: Bakhtin meets Levinas. *Continental Philosophy Review*, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 43-58, 2008. <https://doi.org/10.1007/s11007-007-9072-3>

ESKIN, M. *Ethics and dialogue: in the works of Levinas, Bakhtin, Mandelstam and Celan*. Oxford: Oxford University Press on demand, 2000.

KLEIMAN, A.; GRANDE, P. B. D. Interseções entre Linguística Aplicada e os Estudos de Letramento: desenhos transdisciplinares, éticos e críticos de pesquisa. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 36, p. 11-30, jan./jun. 2015. <https://doi.org/10.12957/matraga.2015.17045>

LEVINAS, E. Entre Nós. *Ensaio sobre a alteridade*. Tradução de Pergentino Stefano Privatto. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEVINAS, E. Ética e Infinito. Tradução de Joao Gama. Lisboa: Edições 70, 2010.

LEVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000.

MENESES DE SOUZA, L. M. Epistemic Diversity, Lazy Reason and Ethical Translation in Post-Colonial Contexts: the case of indigenous educational policy in Brazil. *Interfaces Brazil/Canada*, Canoas, v. 14, n. 2, p. 36-60, 2014.

MENEZES DE SOUZA, L. M. Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. In: MACIEL, R.; ARAÚJO, V. (ed.). *Formação de Professores de Línguas: ampliando perspectivas*. [S. l.]: Paco Editorial, 2011. p. 1-8. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236003625_Para_uma_redefinicao_de_letramento_critico_conflito_e_producao_de_significacao. Acesso em: 30 ago. 2019.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

NEALON, J. T. *The ethics of dialogue: Bakhtin and Levinas*. *College English*, [s. l.], v. 59, n. 2, p. 129-48, Feb. 1997. <https://doi.org/10.2307/378545>

OLIVEIRA, I. B. D. *Boaventura e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RIBEIRO, L. M. *A Subjetividade e o Outro: ética da responsabilidade em Emmanuel Levinas*. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2015.

RUIZ, C. B. Emmanuel Levinas, alteridade e alteridades-questões da modernidade e a modernidade em questão. In: Souza, R.T.; FARIAS, A.B.; FABRI, M. (org.). *Alteridade e Ética: obra comemorativa dos 100 anos de Nascimento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 117-148.

SAMPAIO, M. C. H. Vida e Envelhecimento: uma releitura filosófica de Mikhail Bakhtin e Henri Bergson. In: Paula, L. e STAFUZZA, G. (org.). *Circulo de Bakhtin Diálogos In Possíveis*. São Paulo: Mercado das Letras, 2011. p. 101-122. (Série Bakhtin-Inclassificável, v. 2).

STREET, B. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: CUP, 1984.

TAGATA, W. M. Letramento crítico, ética e ensino de língua inglesa no século XXI: por um diálogo entre culturas. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 379-403, 2017. <https://doi.org/10.1590/1984-6398201710973>

Ana Carla Barros Sobreira

Mestranda em Estudos Linguísticos no PPGEI – Universidade Federal de Uberlândia.

Endereço para correspondência

Ana Carla Barros Sobreira
Universidade Federal de Uberlândia
Avenida João Naves de Ávila, Santa Mônica
Uberlândia, MG, Brasil
38408608